

René Lew,
Dimensions de la psychanalyse,
Para o colóquio *Corpo e sintoma* em Muro Alto (Ipojuca-Pe),
24-26 de julho 2008,
Texto escrito em fevereiro-março de 2008
(discussão do argumento de Intersecção Psicanalítica do Brasil)

Os diferentes registros do corpo definem (eles também) a variabilidade dos sintomas

Discutirei neste texto, em nome de Dimensions de la psychanalyse, o argumento de IPB. Isto abrirá para um segundo texto, a ser enviado posteriormente, sobre alguns lembretes de Lacan a respeito da questão conjunta do corpo e do sintoma, o que corresponderá ao argumento de Dimensions de la Psychanalyse. Depois, em um terceiro texto, irei expor meu ponto de vista sobre a questão.

Discussão do argumento de Intersecção Psicanalítica do Brasil : « O sintoma ,
evento de corpo ».

A insistência sobre o corpo em psicanálise é para mim um sintoma de analista, pois isso não convém exatamente pelo fato que a psicanálise não se funda senão na palavra e não em tocar diretamente o corpo, nem sexualmente, nem de modo medical, etc... (e ainda menos do modo de açougueiro falado por Pierre Legendre e que trago aqui unicamente para indicar os efeitos também religiosos do neo-liberalismo sobre os corpos tomados em uma reificação largamente difundida). Isso não impede que alguns¹ fazem da linguagem entendida como material uma parte da materialidade do corpo, com o apoio do gozo. Também, seria melhor, para esclarecer esta mistura, dar o sintoma como inflexão da subjetividade — isto é, conforme um laço pulsional do somático ao psiquismo como um laço da fala ao corpo - e não como evento e muito menos « evento de corpo ».

1.1 Volta sobre o « evento de corpo »

A primeira coisa a discutir, recolocando-a no contexto, é seguramente a citação² de Lacan sobre a qual funda-se o texto de IPB: « Deixemos o sintoma àquilo que é : um evento de corpo » . Mas a frase de Lacan em « Joyce o sintoma » continua : « um evento de corpo ligado a que se tem, lon la, lon lar, lon laire. Canta-se isso na ocasião e Joyce não se priva disso ». É dizer como Lacan zomba deste « evento de corpo » que não poderia ser abordado de outro modo senão recolocando em jogo esta zombaria, tanto para o evento em questão quanto para o corpo. Este corpo é para o essencial coisa de espaço «o ar (o aire)», que incita-me a brincar como Lacan em seu seminário, remetendo ao « erre » des non-dupes errent (erro-errância de « Os não tolos erram ») quando a fala

¹ Asim Jean-Claude Milner, *Le triple du plaisir*, Verdier, p.11. Mas é claro que sem corpo, não há linguagem.

² *Joyce avec Lacan*, Navarin éd., 1987 (retomado em Lacan, J. *Outros Escritos* (*Autres écrits*, p. 565 *sqq.*).

é temporal³. Melhor vale então ser tolo de um corpo que se imagina ter, é a tese de Lacan. Retomo então brevemente esta posição de Lacan em «Joyce o sintoma».

Que a coisa do «evento de corpo» se canta⁴, indica que trata-se ali de significante: «LOM cahun corps et nan-na Kun (OOM qtemum corpo eqtem sóum)». Vemos bem que o significante, conforme o modo de escrevê-lo, abre à múltiplas interpretações. Dali sua ausência de ontologia, e assim para o sujeito. «É tê-lo e não sê-lo que o caracteriza» («OOM de base», *ibid.*). Lacan fala aliás de «avoiment (ater-atir)», neologismo a aproximar de «aboiment (latir)», sobretudo se hispanizamos o discurso. Ele desontologiza assim qualquer confusão relativa à suas elaborações anteriores a respeito do ser. É aqui que passamos (somos passados) pelo «fala-ser»⁵. «Tenho isso, é seu único ser» (*ibid.*).

1.1.1. Borromeanização

Esta insistência sobre o ter sustenta-se nos tres registros (Lacan diz: «ordens») que compõem o borromeano enquanto real, imaginário e simbólico. Mas estes tres são trinitários pelo fato que o nó os homogeneiza; entretanto o nó não faz isso (é o próprio do borromeano) senão que eles se tornam implícitos entre si, dissolvidos⁶ de algum modo em seu modo de juxtaposição, o qual não os faz sustentar-se juntos senão funcionalmente (por exemplo como superposição particular dos anéis)⁷ e não organicamente (não há enlace). Esta «dissolução» leva Lacan a dizer do homem «que ele vive do ser», e o especifica imediatamente: «ele esvazia o ser». Eis a ironia sobre o ser — de que se vive e mais da ironia. Direi mesmo que essa hiância de qualquer ontologia constitui o real como buraco (seja o «escabelo» de que fala Lacan, pois permite atingir uma «esfera» superior, na medida do crédito que se lhe concede) e este buraco apresenta-se como o que o homem tem — «seu corpo» precisa ele. O corpo faz assim buraco na existência simbólica do sujeito. E é porque ele é suporte de gozo para o sujeito: pois não há existência senão no proveito que se tira das coisas (proveito que vai retroativamente do mais-de-gozar ao gozo). Um tal proveito é em primeiro lugar significante e, como tal, necessita efetivamente da hiância que re-fende o significante e se articula como aquela do Outro, ou mais exatamente hiância que é tributária do interdito sobre a satisfação pulsional do gozo do Outro.⁸

1.1.2. O corpo

³ Lacan trabalha amplamente esta questão do espaço a partir de Descartes, inclusive em *partes extra partes* da fragmentação do corpo (*Saint-Georges* de Carpaccio) e do espalhamento dos objetos *a*. Assim o corpo é teologicamente preparado para a queda.

⁴ Pois «lonla, lonlaire», como onomatopéia sem mais, próxima do manhês (lalação) e então de alíngua, é um estribilho (um ar) retomado das antigas canções francesas (outro exemplo: *riguedondon riguedondaine*) É este lado insistente e infantil que faz a zombaria. Modo de passar do campo da linguagem ao «canto» do corpo. Isso para lembrar que um corpo canta quando goza. Aliás, em francês, diz-se «ça me chante, isso me canta» para dizer e «isso me agrada» ou «isso me convém».

Sobre a palavra e o tempo, cf. É. Benveniste, «Le langage et l'expérience humaine», *Problèmes de linguistique générale*, t. II, Gallimard.

⁵ *L'étourdit (O aturdido)*, *Autres écrits*, p. 488 *sqq.* *Encore*, Seuil, p. 44.

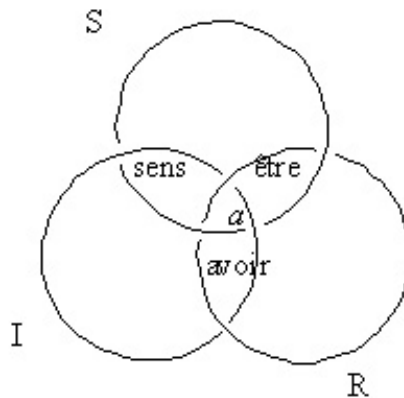
⁶ Cf. R.Lew., «L'abandonnée (A abandonada)», *Cahiers de lectures freudiennes* n°19, *Les démentis du réel*, Lysimaque 1989.

⁷ Frente aos dois outros, o terceiro anel passa por cima daquele que está por cima e por baixo daquele que está embaixo.

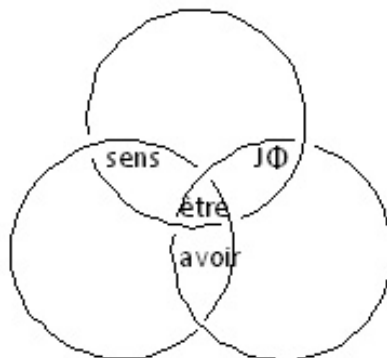
⁸ J. Lacan, *Mais Ainda (Encore)*, Seuil, p. 55-56).

É dizer que o corpo não funciona senão a partir dos buracos que o colocam pulsionalmente em relação com o exterior e a partir da suplência trazida pela linguagem, precisamente como função, isto é pela fala, e relação ao real como buraco (um buraco como impossível, interdito, como o que não se deveria, como não há ..., como não-relação, etc.).

Os espaços do nó se definem então pelo sentido(sens), pelo ser (être), pelo ter (avoir) como pelo objeto a, ser e ter tomando o



lugar dos gozos, respectivamente gozo fálico e gozo do Outro. «O sentido do ser sendo de presidir ao ter » (p. 32). Aqui impõe-se uma dialética do sentido com o ser e o ter que faz deslizar o ser, do nível de preciosidade que lhe concede a ontologia, ao nível de dejetado do corpo, seja um rebus do ter.⁹

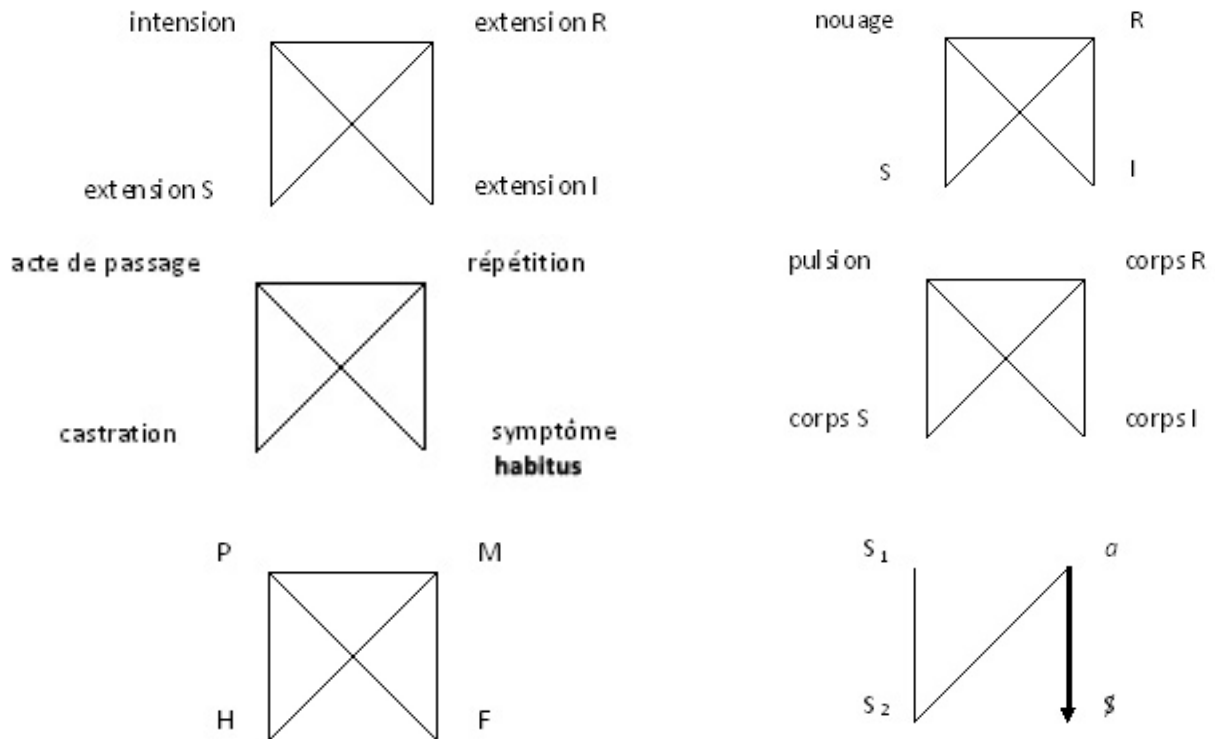


A realidade (psíquica) do corpo se determina imaginando este dejetado de ser um nada (ser um nada e não « não ser nada). Fazendo isso, este nada fragmenta o corpo, que se revela tanto mais apreensível em objeto quanto se lhe concede alguma significação, inclusive de vir em contrapartida ao faló. Trata-se deste corpo que se tem (pequeno a).

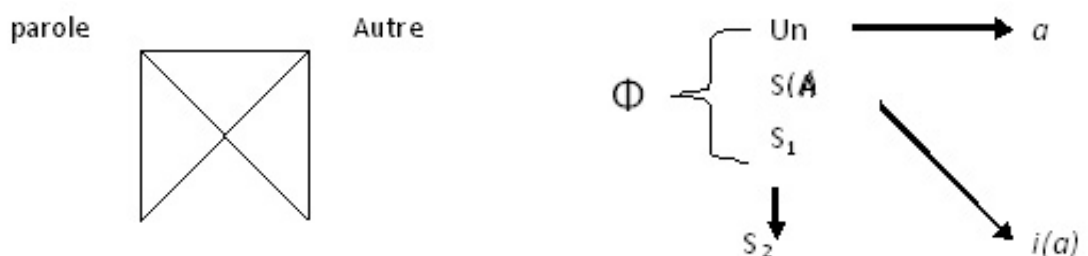
Insistir assim sobre ter o corpo induz então todas as relações de troca (de objetos, de corpo a corpo, de discurso...) que o ser do corpo não permitiria evocar pelo fato de sua fixidez (a meu ver psicotizante). Também Lacan tem base em dizer que é pelo corpo que o homem se faz enganar. As exterminações de massa procedem sempre entretanto uma por uma, pelo que um sujeito não se apreende senão pelo corpo e não é destruído

⁹ *Ibid.*, p. 16.

afinal senão através dele, embora as técnicas de dessubjetivação¹⁰ existam também. A pulsão de morte não é nada outra senão o lembrete da destruição possível do sujeito pela via do corpo. É dizer que, no fundo, um homem não se apreende a si-mesmo senão pelo corpo, de tornar-se por ali mesmo sintoma desta apreensão. Dali vem o que a angústia necessita de objeto pour incidir sobre o corpo e a partir disso ainda sobre o homem — sobre o homem em geral. Mais precisamente, escindindo os homens das mulheres, o sintoma determina-se indicando o corpo como imaginário. Disso as mulheres são sujeitas — como os homens sujeitos —, quando umas e os outros se fazem mais significantes do que signos, tomando o corpo como simbólico.



O fala-ser, como homem sexuado, sintomatiza o Outro corpo como mulher. Também, precisamos dizer-nos que como A mulher, O corpo não existe como absoluto, o que o torna real: o homem não tem senão um corpo e um único.



¹⁰ Observação incidente: confunde-se demais vezes a destituição subjetiva de Lacan (« Proposição de 9 de outubro de 1967... ») e uma dessubjetivação. A dessubjetivação leva à reificação, enquanto a destituição subjetiva vai de par com a queda do objeto.

Aqui um parêntese. Não vou no sentido de Lacan de fazer de Joyce um sintoma — isso ainda, por quê não ? —, a fazer dele um sintoma baseando-se na idéia que, de *Finnegans Wake* nada passa senão o gozo de Joyce em escrever. Por outro lado, sustentei¹¹ que a língua de Joyce — da forma ao conteúdo do discurso — é litoral, e, como tal transmissível, pois é o esquematismo do discurso que conta então e não a história que nos é contada.. Que se julgue isso a respeito do *riverrun* (ou ribeirinho [riverain]....), seja o fluxo significante do entre-duas beiras do rio, que abre *Finnegans Wake* como o próprio Lacan o indica, mas infelizmente por não tomar desta vez Joyce ao pé da letra para deixar-se levar por seu fluxo até as beiras do rio do significante, para constatar as devastações causadas pelo significante ocasionalmente. De *um a dois*, a unaridade conduz ao significante binário.

Deste parêntese, aparece que o *sinthoma* é o que liga, leia, faz leiteiro e leito do rio, serpentea entre as beiras que são as consistências do nó borromeano. O *sinthoma* é o anodamento (nouage), seja a realidade psíquica de Freud¹² que Lacan retoma como Nome-do-Pai, em que este anodamento é nominação. A meu ver, isto não significa que o anodamento é incondicionado, como diz entretanto Lacan (p. 27), mas que é um condicional irreal (isto é, a meu modo ver, um condicional tal que o conseqüente simplesmente suposto chama à existência seu antecedente hipotético afim de sustentar-se nele, desta vez efetivamente). Por alí, o anodamento não faz sintoma senão cessando de dissolver-se no nó a tres e a materializar-se como quarto nó, empurrando de uma dimensão de ordem a própria estrutura borromeana, desta vez a 4, R-I-Σ-S conforme um esquema dito em orelhas do nó borromeano.

O *riverrun* faz *um* do litoral como o anodamento pelo *sinthoma* faz *um* dos tres anéis. Passa-se assim do Pai que nomina como anodamento dissolvido no nó, ao sintoma Pai, que transcreve o *sinthoma* do anodamento ligando os diversos registros que, sem isso, ficariam dispersos. É de algum modo a alma¹³ do Pai que constitui o corpo por incorporação (*Einverleibung*), mas este corpo é puxado através dos diversos registros da estrutura, disperso e sempre de algum modo cadaverizado. Dédalus, senão, Teseu, aqui ultrapassa Ulysses.

1.1.3. O evento

Então o corpo não tem interesse senão em suportar, seja render evidentes as disparidades de registros que constituem sua dita realidade. O sintoma seria, por isso, «evento»?¹⁴ Seria evento de verdade? Claro, a discussão engaja-se com Lacan a respeito da zombaria relativa ao ter o corpo. É por isso que passarei pela definição de Freud do evento psíquico (*das Geschehen*). Nada vale como surgimento psíquico, seja ação ou ato psíquico, que não passe por cada um destes princípios que Freud relaciona ao gozo (dito princípio de prazer) e à realidade. Mas não é um evento de corpo que substitui, mesmo sintomaticamente, um evento psíquico, ou que substitui, digamos mais exatamente, um modo de encaminhamento do esquema (ou de aparelho ou da apresentação, *Darstellung*) que se constitui, para constar dele, a partir deste dito

¹¹ Cf. R.Lew., « Le langage est littoral », in *Che vuoi ?* n° 26, « Joyce o litoral. Joyce passador de Saussure junto a Lacan » in *Joyce-Lacan o sinthoma*, J. Laberge, ed. Cepe, Recife.

¹² Lacan o indica em *R, S, I*.

¹³ J. Lacan, « Télévision », *Autres écrits*, p. 523.

¹⁴ Pode-se ler *O ser e o Evento L'être et l'événement*, de Alain Badiou, ed. Seuil, obra atravessada pela matemática, para julgar da distância entre o discurso analítico e a filosofia .

psiquismo. Não há formação do inconsciente que não seja tributária da linguagem¹⁵, em particular em sua expressão. Também precisamos voltar à linguagem, inclusive ocasionalmente para diferenciar o isso (cf. « Tenho isso... ») e o inconsciente¹⁶, o inconsciente ICS que, neste texto, Lacan diz «que é um saber enquanto falado como constituinte do OOM (em francês : LOM) » (p.32).

*

1.2. As relações corpo-inconsciente

Em uma linguagem deslocada em relação à linguagem de Freud mas mantendo-se freudiana, o interesse para o corpo corresponde mais à sua colocação simbólica, em uma relação significativa que o sujeito metaforiza, articulando este corpo de modo linguageiro. Aqui Freud mais exatamente falava de pulsão, para ele *der Repräsentant*¹⁷ do somático no psiquismo.

1.2.1. A pulsão

Dali, a pulsão leva a ser transcrita em representação e representância (*die Repräsentanz*), tornadas equivalentes¹⁸ por sua homogeneidade extensiva frente à pulsão tomada como função em intensão. Acrescenta-se a isso a terceira extensão valendo como moção pulsional. Esta relação pulsional ao corpo, Lacan a especifica de subjetiva : laço não esférico (marcado por uma punção) do sujeito à demanda do Outro. Então logo esta aporia : a própria relação ao corpo não é precisamente corpórea.

E o saber, no sentido do saber inconsciente S_2 , estabelecido sobre significantes binários, não é tão pouco em nada fundado corporalmente, mas encorpora a metonímia para o corpo. Citemos Lacan : « A metonímia para o corpo é de regra pois o sujeito do pensamento é metaforizado. »¹⁹ Isso nos dá uma estrutura, aqui como freqüentemente, de par ordenado :

(metonímia → (metonímia → metáfora)).

Este par ordenado deve ser retomado no sentido da alienação simbólica : ($S_1 \rightarrow (S_1 \rightarrow S_2)$), quando a alienação real vale como incomensurável do Um ao a. O S_1 encorpora-se assim como função paterna para suscitar o saber do qual ele depende em troca por sua constituição (destruição que é o próprio da análise). Em posição oposta, o corpo desempenha ali de modo cru seu papel puramente extensivo frente à encorporação quando a relação $S_1 \rightarrow S_2$ é holofraseada ($(S_1)S_2$), então o saber é ele mesmo metonimizado²⁰, não sem consequência sintomática, seja a respeito de psicossomática, de delírio corporeizado, ou de debilização, como se diz. Assim, sobre este fundo, não há saber escondido no corpo senão patológico.

¹⁵ A particularidade do francês, entre negação e subjuntivo (pois o indicativo diria o inverso), faz que esta frase significa : toda formação do inconsciente é tributária da linguagem. O subjuntivo implica esta cisão na negação, a qual libera o discordancial do conclusivo.

¹⁶ Esta diferenciação é efetuada por Lacan em *A lógica do fantasma* e *O ato psicanalítico*.

¹⁷ Quase hapax no masculino : *GW X*, p. 214, entre outras citações .

¹⁸ *G. W. X*, p. 250.

¹⁹ J. Lacan, « Télévision », *Autres écrits*, p. 524-525.

²⁰ J. Lacan, *Les quatre concepts...*, Seuil, p. 215.

Além disso, sejamos prudentes com estas questões heideggerianas de habitat do corpo, de casa do Ser, etc. Será que a linguagem habita o corpo ou seria o sujeito que habitaria a linguagem, ou mais precisamente o discurso²¹ ?

Aqui efetivamente nada de « natural », mas será que é preciso por isso falar do saber do corpo valendo também para o animal? O diferenciar das pulsões proposto na redação da metapsicologia de 1915 é modulado de outro modo na segunda tópica : pulsões de vida e pulsão de morte afetam menos diretamente o corpo do que as pulsões de auto-conservação (do eu [moi]) e as pulsões sexuais. Falar tal qual do « saber do corpo », é, a meu ver, inscrever todo sintoma na holofrase, à distância do par ordenado²², esquecendo a pulsão de morte que opera na linguagem, através da significância S_1 da fala.

Seguramente o corpo (no sentido simbólico, ou o corpo do simbólico) faz o corpo (no sentido banal) encorporando-se.²³ Mais exatamente, é a função do Pai que encorpora-se (*Einverleibung* valendo afirmação primária), isto é, a estrutura de suposição unária ordenando o significante como binário a partir de um condicional irreal que Freud coloca em *Totem e tabu*. O assunto é ao mesmo tempo lógico e linguageiro. Para mim, isso procede de alíngua. Com a razão significante, nada no corpo é natural. E se a clivagem subjetiva marca-se no corpo ao ponto de escindí-lo também, isso não pode ser senão no sentido de Freud : tomado entre o imperativo pulsional de gozo (figurável pela masturbação) e sua contrapartida negativa dada como castração (interdito materno, ou, mais exatamente, interdito ditado pelo pai e repassado pela mãe). A dualidade entre pulsões de vida e pulsão de morte substitui fundamentalmente aquela entre pulsões de auto-conservação (pulsões do eu [moi]) e pulsões sexuais, passando através destas últimas. Se faz-se operar juntos os termos opostos desta clivagem, fetichiza-se o corpo. Aqui é preciso ligar a holofrase à produção de fetiche (sem confundí-las).

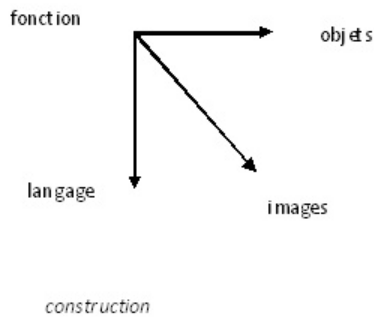
E, precisamente em Lacan, a pulsão (ligando o sujeito à demanda do Outro) é coisa (*Sache*) eminentemente simbólica. É então menos o corpo do que o real que a pulsão coloca em jogo psiquicamente. E é a racionalidade (significante, mas *a contrario*) do real que determina, desde sua oposição ao simbólico, as questões que o sujeito se coloca, em primeiro lugar sobre a problematização desta racionalidade.

O sintoma é assim uma colocação em forma (ligada ao imaginário : R-I- Σ -S) do que se coloca questão ao sujeito, variavelmente conforme o valor desta questão seja acessível ou não, aceitável ou não, em correlação ou não a outros valores. Mas esta colocação em forma entra por ali em outras relações. O sintoma não poderia ser então somente imaginário, se ele não é, por ali mesmo, tanto simbólico quanto real. Também ele se presta à interpretação, como desconstrução, desde os diversos registros cuja construção se apresenta como « ordem » do mundo.

²¹ Cf. R. Lew., « Parrain et Koyré versus Heidegger », *La part de l'Œil* n°21-22.

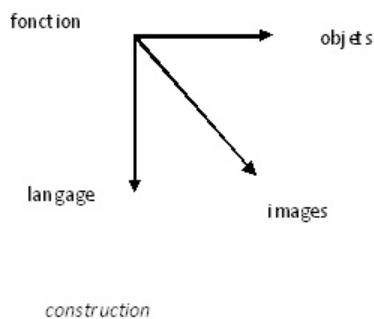
²² Cf. R. Lew., « La *philia* d'Aristote se soutient-elle du non-rapport sexuel ? Será que a *philia* de Aristóteles sustenta-se da não relação sexual ? », colóquio da Comissão de enlace da França de Convergência, 26-27 de janeiro de 2008.

²³ J. Lacan, « Radiophonie », *Autres écrits*, p. 409.



déconstruction/interprétation

É dizer que o manejo do objeto vale interpretação real, como o movimento da linguagem presta-se a ser entendido como interpretação simbólica, quando a colocação em forma do sintoma chama uma troca de forma interpretativa. Mas isso não impede o sintoma de transparecer sob estes diversos registros que transcrevem o sintoma.



déconstruction/interprétation

Entre construção e desconstrução, como entre intensão e extensões, deixo operar a *Wechselwirkung* (o empurra à troca mais do que a interação) de Kant. Neste nível meta-esquemático da torção na volta (que não é tampouco reciprocidade) a interpretação se apresenta como eminentemente equívoca.

Falar de meta-esquema permite-me apontar o que pode fundar o esquematismo, menos no sentido habitual de Kant, o qual é sempre colocação em forma imaginária (pelo menos é Heidegger que o sublinha assim), do que enquanto sistema hipotético projetado sobre o exterior para que se possa apreendê-lo. Assim o princípio borromeano é meta-esquemático, quando o nó, que seja de 3 ou 4 anéis, até mais, esquematiza as categorias que permitirão entender os operadores do discurso. O sintoma desempenha ali uma parte de revelação (nisso, Lacan segue Heidegger senão Schelling) explicitando o implícito do princípio borromeano. Isto não impede em nada este princípio de persistir entre elementos em número mais elevado. E é esta ordem de funcionalidade que Lacan chama sintoma. Esta função é tanto real quanto simbólica e imaginária, e é através das diversas apreensões que será abordada em extensão. É dizer que o sintoma é a colocação em jogo do meta-esquematismo nos esquemas (digamos então: no esquematismo) que este meta-esquematismo constitui. Mas se chega-se a dizer, como Lacan a respeito da metalinguagem, que não há meta-esquematismo, então pode se dizer que não há sintoma senão referível a R, S, I, Σ .

1.2.2. O gozo

Neste nível meta-esquemático, é claro que é preciso falar de gozo definindo por este termo a *existencia* intensional do sujeito em suas coordenadas em extensão que são o objeto como real, o significante como simbólico e a imagem. Assim é vital que o

sinthoma não necessite de passar ao sintoma e então designa o anodamento como gozo e deslocamento com que organiza-se todo sujeito²⁴ como parte do mundo. O deslocamento (distância)(*décalage*)²⁵, como litoral, é particularmente aquele que opera entre intensão e extensões, entre o gozo (fálico) e o corpo (R, S, I) do qual o gozo se diferencia, entre pulsão e tipos diversos de abordagem do corpo. O deslocamento(distância) transcreve intensão em extensão e vice versa. Como sinthoma, pode conduzir ao sintoma. Mas anodando unicamente tres registros, ele fica aquém. É bem assim que Freud fala do sintoma em *Inibição, sintoma e angústia*. E não como « uma satisfação da pulsão » (IPB *dixit*), pois seria mais uma satisfação fracassada : « O sintoma seria o signo e o substituto de uma satisfação pulsional que não ocorre (*Anzeichen und Ersatz einer unterbliebenen Triebbefriedigung*). »²⁶

A questão é então saber como o corpo é afetado pelo significante. A transcrição da « representância » (correspondente ao S₁, significante unário de Lacan), então desligada da representação, sua transcrição em afeto indica uma resposta a esta questão segundo as orientações da metapsicologia. É dizer que o afeto aqui concerne ao corpo desde o S₁ que tem função de hiância operatória. Em *Inibição, sintoma e angústia*, Freud opera de modo um pouco distanciado desta encorporação. É menos o corpo que está em jogo (sempre no modo da encorporação, *Einverleibung* oral do Pai conforme *Totem e tabu*) que a encorporação psíquica. Cito a tradução francesa (aqui em português) : « Os estados de afeto são encorporados à vida psíquica a título de sedimentos de *eventos* (itálico do autor) traumáticos muito antigos, evocados em situações análogas como símbolos mnésicos » (p. 9). Entretanto o termo de evento não convém : trata-se de experiência (*Erlebnisse*, G.W., p. 120) cuja vivacidade, diria, é despertada (*wachgerufen*) com apoio da função simbólica da lembrança. Não insisto sobre as marcas constitutivas da lembrança (*Erinnerungsspuren*). Mas falar de evento situa as coisas em sua suposta objetividade, quando a experiência não quer ser senão aquela, vivida (*Erlebnis* ← *leben*, viver), do sujeito. A questão da satisfação pulsional relativa por antítese ao sintoma coloca-se então neste contexto da experiência subjetiva, sem dever nada a esta objetividade do corpo que por evidência é aquele que « se tem ». A volta à linguagem é aqui necessária que fornece o quadro da experiência de satisfação ou da experiência traumática em termo significante. Sem significante nada se apreende subjetivamente, isto é : nenhuma experiência. A experiência da castração implica a clivagem do sujeito entre enunciação e enunciados, intensão e extensões, falo e corpo sob seus diversos registros de existência. E o gozo fálico é o conceito que coloca em obra a própria existência do sujeito. Não se pode então falar do laço subjetivo– sintomático- ao corpo sem referí-lo à função da castração. Não comento aqui Freud em detalhes. Mas apontarei que ele faz referência ao recalque primordial (*Urverdrängung*) que concebo como equivalente à função fálica e ao gozo que se refere propriamente, em termos de S₁, ao Pai. Lembro simplesmente aqui que não há Pai que se sustenta (encorporado) senão sob condição de

²⁴ R.Lew., « Le quotientage de l'Autre par le sujet », colloque de Dimensions de la psychanalyse, 13 octobre 2008.

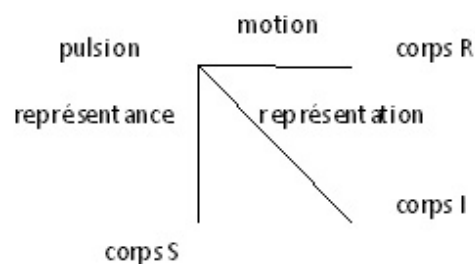
²⁵ Cf. R.Lew., « L'expérience du décalage », II Congresso de Convergencia, Rio de Janeiro, 2004.

²⁶ *Inhibition, symptôme et angoisse*, trad. Michel Tort, P. U. F., 1968, p.7 ; G. W. XIV, p. 118. Prefiro traduzir *unterblieben* por « abandonada à sua sorte », em outros termos : o abandono será tomado em conta pelo sintoma. Sobre estas questões, podem ser referidos meus textos de leitura sobre *Inibição, sintoma e angústia*. Encontrar-se-á a análise deste capítulo 2 — inclusive os erros da tradução francesa : « Au-delà du roc de la castração (além da roca da castração) », comentário de Agnès Ouvrard no colóquio de Dimensions de la psychanalyse em 13 et 14 de outubro de 2007, « Le quotientage de l'Autre par le sujet (A quotientagem do Outro pelo sujeito) », minha intervenção neste mesmo colóquio, e « Função e campo da angústia e do sintoma » em quatro partes (2006-2007). Há também meu comentário do « O eu e o isso » (para um seminário em Copenhague em setembro de 2007), « O Outro gozo ».

seu assassinato (que não há gozo senão sobre fundo de ausência e então unicamente a partir de um ganho : o *Lustgewinn* de Freud é o mais-de-gozar de Lacan).

1.2.3. O sintoma

Freud precisa: « O sintoma provém da moção pulsional atingida pelo recalque » (p. 11). Entendamos bem esta distinção entre a representância²⁷ pulsional simbólica ; a representação imaginária ; a moção pulsional, real : as tres são entretanto constitutivas da pulsão e o borromeano opera aqui seguramente, para o proveito (mesmo que seja a *contrario* com o sintoma) do que a pulsão tem de sintomático. Freud insiste neste contexto sobre o fato que esta intensão que é o gozo fálico, apontável como anodamento borromeano e então sintoma, por não poder condundir-se com suas extensões (mobilidade para o exterior, o mundo...) não pode valer senão a partir da própria incorporação. Mas o substituto sintomático desta função de incorporação, e também seu campo de exercício é o corpo. Então, a intensão se apresenta como virada para o interior (do sujeito), isto é o corpo próprio, aquele da experiência subjetiva, quando o corpo exteriorizado não se apreende senão extrinsecamente, como lugar



de encarnação (*Verkörpersung*) e não mais incorporação, lugar de encarnação do sintoma conforme os diversos registros do corpo. Falar-se-á então do sintoma como imaginário (da ilusão à alucinação, da idéia criada no desligamento da realidade às impressões imaginativas colorindo diversas perturbações da neurose ou da psicose, ver a hipocondria), de sintoma como real (propriamente corporal, psicossomático, angústia fazendo « bola » para não dizer « esfera »...), de sintoma como simbólico (conforme os avatares de linguagem, neologismos, chistes, apontando a posição do sujeito frente ao Outro, esquecimento dos nomes, maus usos dos *lexis*, interpretação...)

Que o sintoma possa concernir ao corpo, é de todo modo evidente (somatizações, conversões, ilusões, auto-mutilações, hábitos diversos, inibições, automatismo mental corporeizado, e em particular passando pelos órgãos dos sentidos, anorexia/bulimia,... e a angústia). Mas todo sintoma não é corpóreo, mesmo que não haja sujeito (inclusive no entre dois indivíduos) senão tomando apoio sobre um corpo (como *extraindo* da palavra). Assim é com a procrastinação, a culpabilidade, a fobia, a grande parte das alucinações que são diretamente psíquicas, da influência, etc. E então notavelmente excessivo falar de corpo-sintoma em uma espécie de identificação de um ao outro. Direi até que em geral – e em primeiro lugar na psicose – o sintoma (até o delírio que é sua via de saída) se apoia sobre uma fixação no « nível » extensional da estrutura, quando, a meu ponto de vista, o autismo (inclusive na esquizofrenia) é uma fixação ao « nível » (ao

²⁷ Em francês, *die Repräsentanz* foi muito tempo traduzida por «o representante», inclusive por Lacan, em plena confusão entre a função de representância e o objeto que a transcreve (aqui, p. 11).

lugar) intensional da estrutura : não há dialética entre intensão e extensões – ou, se há neurose, há uma dialética situada entre lugares inadequados.